

KUMMELS, Ingrid (org.). *Espacios mediáticos: cultura y representación en México*. Berlim, Ed. Tranvía, 2012, 410 pp.

Renata Mourão Macedo
Universidade de São Paulo

Editado na Alemanha em 2012, o livro *Espacios mediáticos* investiga formas de produção, circulação e usos de mídias no México e fronteiras. Trata-se de iniciativa que visa divulgar pesquisas realizadas no âmbito da organização binacional Colégio Internacional de Graduados “Entre Espacios”, que reúne institutos de pesquisas da Alemanha e do México em torno do debate sobre globalização na América Latina. Os 13 artigos que formam a coletânea investigam – em função dos interesses específicos de cada autor – a relação entre mídias, artes, nação mexicana e globalização. Assim, temas diversos como formação de museus comunitários, produção cinematográfica indígena e performance gay na luta livre são abordados sob a perspectiva mais geral das tensões entre local e global.

À primeira vista, o livro já desperta interesse pelas fotografias. Todos os artigos são compostos por imagens que, mais que ilustrar, expressam a diversidade de experiências de que a obra tenta dar conta. Reunindo antropólogos, historiadores, museólogos, fotógrafos e cineastas, o livro também apresenta rica diversidade metodológica: etnografia, pesquisas em arquivos, produção de vídeos, pesquisa histórica, análise de imagens, entre outros.

Na introdução, escrita pela organizadora Ingrid Kummels (professora na Freie Universität Berlin), são apresentadas algumas das questões que norteiam o livro. É interessante observar o uso da noção que dá título à coletânea – “espaços midiáticos” – cunhada como um guarda-chuva capaz de abranger formas expressivas diferentes como fotografia, vídeo,

cinema, arte, música e performance. Ao enfatizar a temática do “espaço”, essa noção corrobora o sentido teórico trabalhado pelo grupo no debate sobre globalização. Conforme sinalizado por Kummels, um dos objetivos principais da coletânea é justamente tentar “aterrissar” experiências midiáticas, aparentemente apenas virtuais e não localizadas, em espaços geográficos e sociais específicos, tornadas viáveis através da ação de atores de carne e osso. Ainda segundo argumenta a autora, trata-se de enfatizar que “apesar dos processos de transnacionalização, grande quantidade de experiências estão ancorados em geografias específicas” (: 12)¹. Nessa busca por compreender produções midiáticas na constante tensão entre local e global, encontra-se uma das principais hipóteses do livro, a saber: “são os atores locais quem recontextualizam fluxos globais em espaços locais” (: 12). Assim, é por meio de negociações constantes com os discursos dominantes e com as assimetrias de classe, etnia e gênero que os atores se apropriam dos meios de comunicação e conseguem imprimir suas marcas.

Analisando um período histórico amplo – o livro aborda processos do começo do século xx até a atualidade – os artigos iluminam formas de negociação no uso de mídias em diferentes momentos e contextos geográficos. Os artigos com foco no século xx (como o de Poole sobre fotografias de mulheres da elite oaxaquenha vestidas de indígenas na década de 1930, o de Caballero sobre artistas, informantes e antropólogos em Milpa Alta e o de Alperstein sobre pinturas de infância em murais dos anos de 1930) procuram enfatizar as contradições envolvidas nos processos de construção de identidades e na consequente apropriação de fotografias, arte ou mesmo da antropologia por diferentes atores sociais. Já alguns dos artigos sobre período recente focalizam os usos possíveis de mídias – como fotografias e vídeos – em prol da construção de novas identidades por grupos indígenas ou comunidades. Segundo Kummels, trata-se de iluminar pequenas cenas de um processo mais geral que inclui uma mudança de paradigma diante dos meios de comunicação descentralizados, especialmente em função

da internet. A discussão sobre tais produções midiáticas descentralizadas – como o vídeo indígena – são especialmente trabalhadas nos artigos de Kummels, Villareal, Brust, Pérez & Köhler e Walter.

Esse tipo de abordagem sobre os processos midiáticos – que, sem deixar de levar em conta os discursos dominantes, enfatiza as negociações realizadas por atores locais – está ancorada em aportes teóricos como de Jesús Martín-Barbero, autor de *Dos meios às mediações* (2009). Nessa obra – considerada central para os estudos de recepção latino-americanos – Martín-Barbero sugere um deslocamento “dos meios para as mediações”, ou seja, “para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (2009: 261). Assim, ainda que pouco citada ao longo do livro, Kummels considera a noção de “mediações” central ao pôr em dúvida a clássica separação entre processo e produto midiático. Além disso, chama a atenção para o fato de que os produtos midiáticos – sejam aqueles produzidos localmente, sejam os massivos – não conseguem impor aos consumidores um significado predeterminado. Segundo Kummels, “o conceito de mediações enfatiza o papel ativo dos subalternos quando perturbam, infiltram, opõem, resistem e/ou se apropriam de processos midiáticos e suas mensagens” (: 16).

Em síntese, tendo o México como ponto de partida e tais debates como pano de fundo, a coletânea se propõe a analisar as engrenagens de dois movimentos: por um lado, “a circulação de produtos midiáticos a nível transnacional e global”; por outro lado, “a representação de identidades coletivas e de alteridades através de mídias” (: 17). A seguir, apresento os temas específicos trabalhados em cada capítulo do livro.

Na primeira seção, intitulada “Movimientos y temporalidades de los espacios mediáticos en los siglos xx e xxi”, três artigos discutem, por meio da análise de fotografias, arquivos, pinturas e biografias, a construção de identidades mexicanas com foco na primeira metade do século

xx. Os autores trazem um panorama interessante, permitindo ao leitor estrangeiro apreender algumas das questões que permeiam todo o livro: a centralidade da Revolução Mexicana na construção de identidades regionais e nacionais; os processos de “descoberta” das culturas locais por atores locais e externos; a tensão entre globalização e nação nas experiências de diferentes atores. A seção também aborda o processo de institucionalização da antropologia e das artes nesse país.

O primeiro artigo, de Deborah Poole, sobre fotografias de mulheres da elite oaxaquenha vestidas como indígenas na década de 1930, além de analisar algumas das particularidades daquele contexto sócio-histórico, chama a atenção para os significados históricos e emocionais que fotos podem adquirir ao longo do tempo. O segundo artigo, da fotógrafa e curadora Cristina Kahlo, enfatiza alguns aspectos da biografia de sua tia, a artista Frida Kahlo, para tentar desvendar como, por meio da vestimenta, fotografias e pinturas, Frida contribui para a criação de sua própria vida como “mito popular”.

Já o terceiro artigo, da historiadora e antropóloga Paula López Caballero, analisa as relações entre antropólogos, artistas plásticos e sujeitos comuns, nacionais e estrangeiros, na região de Milpa Alta, México. Mesclando dados de sua pesquisa etnográfica com pesquisa histórica, a autora aborda um período que vai de 1900 a 2010. Próxima à Cidade do México, a região de Milpa Alta é conhecida pela sua herança indígena pré-hispânica (asteca em particular) e, mais recentemente, pela difusão da língua náhuatl por seus habitantes, que se esforçam por dar nova vida a essa identidade autóctone. A história contada por Caballero tem início em meados da década de 1910 quando, em contexto pós-revolucionário, inicia-se uma valorização do indígena e das culturas autóctones mexicanas. Nesse processo de “descoberta”, o antropólogo alemão Franz Boas teve participação direta ao fundar a Escola Internacional de Arqueologia e Etnologia em 1911, a qual marca o início da institucionalização da antropologia no país

(: 97). Entre outros atores interessantes iluminados por Caballero ao longo do artigo, destaca-se Luz Jiménez, mulher fluente na língua náhuatl que desempenhou diferentes papéis como informante, antropóloga e modelo artística, tornando-se uma espécie de “ícone indígena” para as vanguardas intelectuais e artísticas mexicanas. Ao analisar o processo de constituição da “condição indígena” em Milpa Alta e, assim, as representações e autor-representações que foram realizadas sobre essa condição, Caballero defende que é possível ultrapassar a dicotomia invenção/conservação, conforme as análises que surgiram após a noção de “invenção das tradições” cunhada por Hobsbawm. Para isso, torna-se necessário restituir a historicidade dessas relações, compreendendo que no México “o indígena” é uma categoria que não precede essas negociações, ao contrário, surge com elas.

Na segunda seção, “Representaciones mediáticas de la nación y de la transnación”, discute-se a constituição de identidades da nação mexicana, seja pelo olhar nacional, seja pelo olhar estrangeiro, por meio da análise de diferentes “espaços midiáticos” como pintura mural, objetos museográficos, cinema comercial e produções fílmicas indígenas.

O texto de Deborah Alperstein, sobre imagens da infância camponesa no México da década de 1930, debate o processo de negociação da condição indígena dessa vez a partir das representações sobre infância em murais e ilustrações. Já o artigo de Maria Gaida, apesar de não abordar diretamente o contexto mexicano, interessa pela curiosa história narrada: trata-se da compra de uma falsa cabeça de estuque, supostamente maia, pelo Museu Etnológico de Berlim em 1960. A autora analisa como esse erro histórico foi possível em função do nacionalismo alemão, surgido no pós-guerra, que pretendia recuperar a legitimidade de seus museus. O texto de Bernd Hausberger sobre relações de gênero nos filmes estrangeiros sobre a Revolução Mexicana aborda questões de interesse para a coletânea como um todo. Analisando uma extensa filmografia produzida entre 1914 e 1970, nos Estados Unidos, Itália, França e México, o autor discute a

questão das representações e estereótipos sobre a nação e a “mexicanidade”. Sem deixar de analisar os contextos sócio-históricos de cada produção, Hausberger aponta para um denominador comum: as relações de gênero e a família estão presentes em todos os filmes analisados, representações essas que acabam por funcionar como metáforas fundamentais da vida humana, em muitos casos mais conservadoras que propriamente revolucionárias.

O artigo de Ingrid Kummels discute a produção de filmes por indígenas, cena cinematográfica divulgada em festivais como Cine Indígena. Nessas produções, pessoas autoidentificadas como indígenas criam documentários ou filmes de ficção que tratam, entre outros temas, da “descolonização” das representações produzidas pelos setores dominantes. Parte importante desses filmes tematiza a migração entre México e Estados Unidos. A autora parte da hipótese de que os atores indígenas têm conseguido aproveitar as combinações entre novas formas de mobilidade geográfica e de mobilidade virtual. Tal processo, não linear e permeado por exclusões e desigualdades, tem tido impacto importante na vida dessas comunidades. Isso porque muitas delas, pela primeira vez, passam a se identificar coletivamente como grupos linguísticos indígenas.

Na terceira seção do livro, intitulada “Espacios locales, sus actores y medios de comunicación” os textos abordam, de diferentes modos, formas de produção de identidades locais diante de transformações decorrentes da globalização. O artigo de Alexander Brust, ao acompanhar a formação de alguns museus comunitários no México, analisa como fotografias são apropriadas por atores locais com o objetivo de contar sua própria história diante de agentes externos, como intelectuais e turistas. O artigo de Tabea Huth focaliza a trajetória de um lutador exótico gay de luta livre que atua na região mexicana de Tihua, fronteira do México com os Estados Unidos. A autora defende a hipótese de que, apesar das discriminações contra gays no México, as performances realizadas na luta livre conseguiram se tornar, na trajetória analisada, um meio de “empoderamento” para que

o lutador questionasse os discursos duais de gênero. Já o artigo do etnomusicólogo alemão Sven Kirschlager analisa a trajetória de músicos que tocam em ônibus rodoviários de classe econômica no interior do México. Bem alinhado com a temática geral da coletânea, o autor trabalha a ideia de que “a música comprova que o espaço não é passivo, ao contrário, influi no que se passa dentro dele” (: 296). Nesse sentido, Kirschlager demonstra como, nesse espaço móvel que é o ônibus, cria-se uma experiência de comemoração coletiva por distintos atores locais, músicos e passageiros.

A quarta e última parte, “Nuevas colaboraciones y circulaciones”, traz reflexões sobre o processo de produção audiovisual indígena, etnográfico ou por movimentos sociais. Questões como autoria, conteúdo político e distribuição por meio da internet também são debatidos nesses trabalhos. O artigo escrito em parceria por José Alfredo Jiménez Pérez e Axel Köhler contém uma apresentação autobiográfica dos dois autores e reivindica o conceito de “co-labor”. Somando experiências por meio de trajetórias bastante diversas – o primeiro é comunicador comunitário indígena; o segundo, antropólogo alemão – os autores refletem a respeito da realização de um vídeo comunitário sobre um massacre que matou 45 pessoas em uma comunidade indígena de Los Altos de Chiapas. Nesse processo, defendem o uso estratégico de vídeos na luta por justiça e paz. O texto de Gabriela Zamorano Villareal, ainda que seja sobre a Bolívia, também discute a produção de vídeos por comunicadores indígenas, discutindo os modos como a produção e circulação de imagens das comunidades indígenas passam a intervir na realidade política local. Já no artigo de Florian Walter, temos o relato do autor – um produtor de vídeos etnográficos – que reflete sobre o papel da antropologia visual por meio das experiências adquiridas na produção de alguns de seus filmes. Primeiramente, Walter analisa a experiência de produzir e exibir um filme sobre os rituais de um curandeiro da região de Chiapas. Nas exibições do filme para um público não iniciado em antropologia, ao

invés de haver um movimento de aproximação do “outro”, o curandeiro retratado era percebido como um ser exótico. Descontente com os resultados, Walter debate como transformou sua percepção etnográfica realizando outra experiência fílmica, dessa vez uma “etnificação” feita em parceria com sua principal “informante”.

Em síntese, o livro *Espacios midiáticos* apresenta um panorama sobre as relações entre produção, circulação, práticas e consumo de representações audiovisuais no México e em suas fronteiras. Ainda que o livro não aborde mídias importantes para a região como a televisão e o rádio, as temáticas analisadas – incluindo fotografia, cinema internacional, vídeos indígenas, arte e antropologia – são um convite ao leitor estrangeiro conhecer um pouco da diversidade de experiências locais e globais vividas por atores mexicanos. Trazendo um diálogo entre olhares cruzados, alemães e mexicanos, *Espacios mediáticos* demonstra como, pelas palavras da organizadora Ingrid Kummel, “todos esses processos midiáticos constituem parte integral da(s) modernidade(s) latinoamericana(s)” (: 13).

Notas

- ¹ Todas as citações foram traduzidas pela autora da resenha.

Referências bibliográficas

- KUMMELS, Ingrid (org.)
2012 *Espacios mediáticos: cultura y representación en México*. Berlim, Ed. Tranvía, 410pp.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús
2009 *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ.